

Anos de Loucura

1967, China.

O ataque da União Vermelha ao edifício principal da Brigada 28 de Abril já durava há dois dias. As suas bandeiras espalhadas em redor do edifício ondulavam incessantemente, como acendalhas ansiosas por lenha. O comandante da União Vermelha fervilhava de inquietação, apesar de não ter medo dos guardas no edifício. Aqueles duzentos soldados da Brigada 28 de Abril eram muito tenros frente à União Vermelha, um grupo activo desde o início de 1966 e que já tinha participado em campanhas e em desfiles militares da Revolução Cultural. O comandante temia, sim, aqueles grandes fornos de metal, mais de dez, dentro do edifício. Os fornos, cheios de explosivos perigosos e interligados por um sistema eléctrico, não estavam visíveis, mas o comandante sentia a sua presença como se fossem um íman. Bastava ligar um interruptor para a destruição total de ambos os lados, e aqueles guardas vermelhos da Brigada 28 de Abril tinham a força mental para isso. Em comparação com a primeira geração de guardas vermelhos, amadurecida pelas dificuldades do passado, aqueles rebeldes novatos eram como lobos sob carvão incandescente, cada um mais louco do que o outro.

No topo do edifício surgiu a silhueta delgada de uma rapariga bonita, que abanava uma grande bandeira da Brigada 28 de Abril. Seguiu-se imediatamente um estrondo de tiros, oriundo de uma variedade incrível de armas: ora antigas como carabinas americanas, metralhadoras de estilo checo e espingardas de calibre 38, ora recentes como espingardas de assalto e pistolas-metralhadoras — roubadas do exército depois da publicação do editorial em Agosto¹ —, e até mesmo armas brancas como lanças e espadas, condensando no armamento toda a história moderna e contemporânea.

A Brigada 28 de Abril já tinha feito este jogo muitas vezes, no qual alguém surgia no topo do edifício, içando bandeiras, gritando palavras

de ordem em altifalantes ou espalhando panfletos, e depois escapava da chuva de balas, ganhando a mais alta glória entre os seus. Desta vez, era evidente que a rapariga também acreditava ter a mesma sorte e abanava a bandeira de guerra como se sacudindo a sua juventude ardente, cujo fogo reduziria o inimigo a cinzas, e do seu sangue fervoroso nasceria um mundo ideal... A rapariga estava inebriada nesta resplandecente fantasia vermelha quando uma bala de espingarda lhe trespassou o peito. Era um peito tão delicado, como o são aos quinze anos de idade, que a bala quase não perdeu velocidade, ressoando apenas um assobio nas suas costas. A jovem guarda vermelha caiu do telhado do edifício juntamente com a bandeira, e o seu corpo delgado parecia cair mais devagar do que a bandeira, flutuando como um pássaro que não quer deixar o céu.

Os soldados da União Vermelha gritaram de alegria e alguns apressaram-se até junto do edifício. Rasgaram a bandeira da Brigada 28 de Abril e levantaram o pequeno corpo, ostentando-o como um troféu de guerra, e em seguida atiraram-no bem alto, para cima do portão de ferro da propriedade. As lanças afiadas no topo do portão já tinham sido, na sua maioria, roubadas no início dos conflitos e usadas como arma, mas as duas restantes perfuraram e sustentaram a rapariga, e naquele instante parecia que o macio cadáver tinha regressado à vida. Os soldados da União Vermelha recuaram e usaram o corpo como alvo para treino de tiro. Agora, as balas constantes eram apenas pingos de chuva delicados no seu corpo, e não lhe causavam qualquer impressão. Às vezes, os seus braços em forma de ramos secos abanavam levemente, como se sacudindo aqueles pingos do corpo, até que o crânio da jovem se abriu, ficando apenas um bonito olho fixo no céu azul de 1967. Naquele olhar não havia dor, apenas uma firmeza de paixão e desejo.

Ela acabou por ter sorte, em comparação com outros, porque pelo menos morreu com a magnífica emoção de dar a vida pelos seus ideais.

Cenários de conflito como este espalhavam-se por toda a cidade, assemelhando-se a inúmeros CPU em processamento paralelo, executando todo o caos da Revolução Cultural. A loucura alastrou-se por toda a cidade como uma inundação invisível, infiltrando-se por todos os cantos e fissuras.

Num campo de jogos de uma famosa universidade nos limites da cidade, milhares de pessoas participavam numa sessão de crítica há cerca de

duas horas. Naqueles anos florescia uma grande variedade de facções, o que resultava em disputas intrincadas entre forças opostas por todo o lado. Na universidade, os guardas vermelhos, o grupo de trabalho da Revolução Cultural, a equipa de propaganda dos trabalhadores e a equipa de propaganda dos militares entravam em incisivos conflitos e, às vezes, dentro de cada facção surgiam novas facções, defendendo ferozmente diferentes posições e planos de acção, o que levava a disputas ainda mais cruéis. No entanto, nesta sessão, as autoridades académicas reaccionárias eram um objecto de denúncia comum e sem disputas faccionárias, restando-lhes apenas aceitar os ataques cruéis de todos os lados.

Em comparação com outros monstros e demónios da revolução, os académicos reaccionários eram peculiares: na fase inicial dos ataques, mostraram-se sempre superiores e determinados, e nesse período registou-se o maior número de mortes. Na capital, em apenas quarenta dias, mais de mil e duzentos indivíduos sujeitos a sessões de crítica foram espancados até à morte, e um número ainda maior escolheu o caminho mais rápido para evitar aquela loucura. Importantes personalidades da altura como Lao She, Wu Han, Jian Bozan, Fu Lei, Zhao Jiuzhang, Yi Qun, Wen Jie e Hai Mo acabaram com as suas próprias vidas, outrora admiradas.

Aqueles que sobreviveram à primeira fase, sob prolongados e cruéis ataques, foram criando um sentimento de indiferença, como uma eficaz camada autoprotectora que evitava o derradeiro colapso mental. Durante as sessões de crítica, entravam muitas vezes num estado letárgico e apenas com berros despertavam, em choque, repetindo mecanicamente as suas admissões de culpa, proferidas já inúmeras vezes.

Depois, alguns deles entravam na terceira fase, em que, através de críticas incessantes, a brilhante ideologia política emergia nas suas consciências como mercúrio, demolindo por completo as suas edificações de pensamento sustentadas no conhecimento e na lógica. Agora, acreditavam verdadeiramente que eram culpados e percebiam os danos que haviam provocado à grande causa, entrando em prantos de penitência mais profunda e sincera do que a de outros inimigos da revolução não intelectuais.

Nas últimas duas fases, estes alvos de crítica eram os mais insípidos para os guardas vermelhos, pois apenas os demónios da fase inicial conseguiam estimular os seus nervos demasiado excitados, como a capa vermelha na mão do toureiro. Alvos assim eram em cada vez menor número, e nesta universidade restava apenas um, pelo que, devido ao seu exotismo, foi guardado para o final da sessão de crítica.

Ye Zhetai tinha sobrevivido desde o início do movimento e mantinha-se na primeira fase, sem admissão de culpa, sem suicídio e sem indiferença. Quando este professor de Física subiu ao palco da sessão, a sua expressão dizia claramente: ponham-me às costas uma cruz mais pesada! O que os guardas vermelhos lhe tinham posto em cima era realmente pesado, mas não era uma cruz. Enquanto outros alvos traziam na cabeça chapéus altos com uma armadura feita de bambu, o dele era feito de aço. E a placa que trazia pendurada ao peito não era de madeira como a dos outros, era uma porta arrancada de um forno do laboratório, com o seu nome escrito em enfáticos caracteres pretos e uma cruz vermelha por cima.

Os seis guardas vermelhos que escoltaram Ye Zhetai ao palco, dois rapazes e quatro raparigas, eram o dobro dos que acompanhavam outros objectos de crítica. Os dois rapazes, de passadas firmes e enérgicas como um par de jovens bolcheviques, eram estudantes do quarto ano no curso de Física Teórica no departamento de Física, e Ye Zhetai tinha sido seu professor. As quatro raparigas, muito mais novas, eram estudantes no oitavo ano da escola básica integrada na universidade. Estas pequenas militantes, vestidas com uniforme e cintos para as armas, possuíam uma energia juvenil e ameaçadora, como quatro chamas verdejantes a rodear Ye Zhetai. O aparecimento de Ye no palco causou grande excitação no público, e o som das palavras de ordem, já acusando alguma fraqueza, parecia agora a subida da maré a inundar tudo em seu redor.

Depois de esperar pacientemente pela diminuição da intensidade das palavras de ordem, um dos guardas vermelhos no palco disse ao alvo da sessão: “Ye Zhetai, sendo tu especialista em diferentes tipos de mecânicas da Física, já deves ter reparado que estás a resistir a um enorme conjunto de forças, tão poderoso que a obstinação só te levará à morte! Hoje vamos continuar a agenda da sessão anterior, deixemo-nos de rodeios. Responde honestamente ao seguinte: nas aulas introdutórias entre 1962 e 1965, incluístes ou não, de livre vontade, vários conteúdos sobre a Teoria da Relatividade?!”

“A Teoria da Relatividade é uma teoria clássica da Física, como poderia não referi-la nas aulas introdutórias?”, respondeu Ye Zhetai.

“Disparate!”, asseverou em voz austera uma guarda vermelha, “Einstein é um académico reaccionário que chama mãe a quem lhe dá de mamar! Foi a correr dar a bomba atómica aos americanos imperialistas! Para a construção da ciência revolucionária, deitemos abaixo esse estandarte das teorias reaccionárias da classe capitalista que é a Teoria da Relatividade!”

Aguentando as dores causadas pelo chapéu de ferro e pela placa no peito, Ye Zhetai ficou em silêncio, como fazia sempre perante estas afirmações a que não valia a pena responder. Os próprios estudantes atrás dele franziram ligeiramente as sobrancelhas. A rapariga que tinha respondido era a mais inteligente das quatro guardas vermelhas e era óbvio que se tinha preparado para a ocasião, recitando o rascunho da sessão de crítica antes de subir ao palco. Mas, para lidar com Ye Zhetai, palavras de ordem assim não seriam suficientes. Decidiram revelar a nova arma que tinham preparado para o professor, e um deles fez um sinal com a mão para a audiência.

Shao Lin, mulher de Ye Zhetai e professora de Física no mesmo departamento da universidade, levantou-se da primeira fila e subiu ao palco. Estava vestida com roupa larga e de cor verde-relva, de forma a aproximar-se mais do estilo e cor dos guardas. Isto era muito estranho para quem conhecia Shao Lin, porque a relacionavam sempre com os elegantes *qipao* que vestira nas aulas.

“Ye Zhetai!”, gritou Shao Lin, apontando para o marido. Era evidente que não estava habituada a este tipo de situações e quanto mais alto falava, mais se ouviam os tremores na sua voz. “Nunca pensaste que eu viesse aqui desmascarar-te e criticar-te?! Pois, eu fui enganada por ti, aldrabaste-me com a tua visão reaccionária da ciência e do mundo! Agora acordei para a realidade, e com a ajuda dos militantes revolucionários estou do lado da revolução, do lado do povo!” Depois, continuou virando-se para o público: “Camaradas, militantes revolucionários, professores e funcionários revolucionários, temos de reconhecer a natureza reaccionária da Teoria da Relatividade de Einstein e como é tão evidente na aplicação da relatividade geral: a sua proposta de modelo de universo estático nega a natureza dinâmica da matéria, o que é antidualéctico! Esta teoria afirma que o universo tem limites, o que se trata de um idealismo absolutamente contra-revolucionário!”

Ao ouvir todo o discurso ininterrupto da sua mulher, Ye Zhetai fez um sorriso amargo. Lin, eu aldrabei-te? Tu sempre foste realmente um mistério para mim. Uma vez, disse ao teu pai como eras um talento extraordinário (que sorte teve ele, morreu cedo e escapou a toda esta catástrofe). Abanando a cabeça, ele respondeu que a sua filha nunca faria nenhuma contribuição científica, e depois disse algo que viria a ser muito importante na minha vida: Linlin é muito inteligente, mas para trabalhar com os fundamentos teóricos é preciso ser-se estúpido. Nos anos que se seguiram, comecei a compreender o profundo sentido daquela frase. Lin, és realmente muito inteligente, e, ao te aperceberes da viragem política